

D. Antonio Luiz de Menezes, 1.º marquez de Marialva

BATALHA DAS LINHAS DE ELVAS

E DESTROÇO DO EXERCITO CASTELHANO EM 14 DE JANEIRO DE 1659

I

Bafejados pela fortuna, que na passada campanha de 1657 se lhes mostrára assás propicia, abrindo-lhes no Alemtejo as portas de Olivença e de outras praças de menos importancia, tiveram para si os castelhanos ser chegado o tempo de emprehender com egual successo feitos de maior alcance. Determinaram no anno seguinte apoderar-se de Elvas a todo o custo, certos de que a conquista d'esta praça lhes traria a do reino inteiro, e com ella a vingança dos revezes soffridos nas passadas eventualidades. Assim conseguiriam apertar de novo, e para sempre, aos pulsos portuguezes os grilhões tão heroicamente despedaçados no memoravel 1.º de dezembro de 1640.

Afigurava-se-lhes essa conquista tanto mais facil quanto era publico o enfraquecimento da monarchia. Extenuadas as forças pelas calamidades e estragos inseparaveis dos dezoito annos de prolongada guerra, que haviam succedido a sessenta de rigoroso captiveiro, aggravára-se ainda a situação do estado pela morte intempestiva de D. João IV, e transferencia do sceptro para as mãos da rainha viuva, que, embora tivesse provado em mais de um lance o seu animo varonil, parecia, comtudo, menos propria para sustentar o peso do governo em circunstancias de tamanho apuro e urgencia. E para cumulo do mal, achava-se o nosso exercito de todo anniquilado pelo mau exito do cêrco de Badajoz, em que n'esse mesmo anno se empenhára, e que, ao cabo de quatro mezes, se víra obrigado a levantar, vencido não pelo ferro dos sitiados, mas por uma terrivel epidemia, que lhe rareára as fileiras. E tal fôra a intensidade do contagio, que, se merecem fé as relações do tempo, não menos de seiscentos officiaes e doze mil soldados enfermaram, perdendo muitos as vidas, e sendo necessario licencear o resto, para não perecerem todos.

Soberbo na expectativa dos imaginados triumphos, abalou o exercito de Castella, e entrou em Portugal transpondo o Caya em meiado outubro de 1658.

Compunha-se a sua força de cinco mil cavallos e quatorze mil infantes, gente pela maior parte exercitada nas armas, commandada por habeis officiaes educados nas guerras de França e nos campos de Flandres. Era capitão general D. Luiz Mendes de Haro, marquez del Carpio, estribeiro-mór, conselheiro e ministro valído de Filippe IV, o qual, para supprir a propria incapacidade, escolhêra por immediatos nos postos de mestre de campo e generaes das armas individuos de abalisada reputação em valor e pericia militar.

Depois de talarem por alguns dias as campinas, apossando-se das povoações indefesas e de pouca importancia que na marcha encontravam, as tropas invasoras amanheceram a 22 de outubro sobre a praça de Elvas, cujas fortificações differiam então muito das actuaes. Occuparam o convento de S. Francisco, e sem dar um tiro se apoderaram tambem do monte da Graça (hoje forte de Lippe); e, fortificados n'aquellas posições, romperam desde logo o fogo contra a praça, a qual por sua parte não deixou de corresponder, sustentando-o com brio e firmeza.

Em seguida trataram os inimigos de adiantar os trabalhos do cêrco, estabelecendo as convenientes linhas de circumvallação com seus fortins em distancias apropriadas; e, sem usar de aproches nem correr o perigo dos assaltos, contavam segura a victoria por beneficio do tempo, contentando-se de lançar continuamente contra a cidade successivos tiros de artilheria e repetidas bombas, que espalhavam por toda a parte a morte e a destruição.

Tornára-se lastimoso o estado de Elvas, que mais parecia hospital que povoação de moradores ou aquartelamento de soldados. Ao grande numero de enfermos que para alli haviam sido transportados (dos que adoeceram no cêrco de Badajoz) accresciam os feridos de balas, e mais ainda os atacados de molestia epidemica, que na praça veiu a manifestar-se com violencia espantosa, subindo a mortandade ao ponto de faltarem sete mil pessoas, entre paizanos e militares, nos oitenta dias que durou o sitio. Escasseavam os mantimentos, os remedios e as munições; e, comtudo, não falleciam nos sitiados o animo e coragem. Dispostos a supportar estas e ainda maiores calamidades, affrontavam a morte sem receio, consolando-se com a idéa de que succumbiam victimas da liberdade e da independencia da patria.

Governava a praça D. Sancho Manuel, depois conde de Villa-Flor, nome já illustre por seus feitos, e que tanto se extremou posteriormente n'esta e nas subsequentes campanhas. Com elle estavam todos os cabos principaes do exercito, que para alli se haviam recolhido pouco antes de começar o cêrco, quando levantado pelos nossos o de Badajoz. Muitos d'estes, porém, sentindo que a sua permanencia era desnecessaria, sairam da cidade atravessando as linhas inimigas, para irem apresentar-se onde os seus serviços podessem ser de proveito.

II

Ao chegarem á côrte as primeiras novas d'estes infaustos successos, foi geral a consternação: conhecia-se quanto importava a conservação da praça; porém a situação das coisas publicas era tão desfavoravel, que quasi tirava as esperanças de poder soccorrel-a com a força e celeridade que se havia mister. Não havia exercito, e para o levantar falleciam os meios e recursos indispensaveis. A rainha regente não se deixou, todavia, desacoroçoar pela difficuldade da empreza; e confiando tudo do valor, fortuna e prudente actividade do conde de Cantanhede, D. Antonio Luiz de Menezes, por uma honrosissima carta régia de 2 de novembro de 1658 o nomeou governador das armas da provincia do Alemtejo, com o encargo de passar immediatamente a Estremoz para ahi organisar de prompto um pé de exercito, se não tal como a necessidade o requeria, ao menos como as circunstancias lh'o permittissem.

O conde [1], dotado de vivacissimo espirito, e inflammado em desejos de ganhar honra, tratou de corresponder dignamente á confiança que n'elle se pozera. Partiu, pois, a desempenhar a sua missão, e com tal desvelo se applicou a vencer contrariedades e superar obstaculos, que ao fim do mez seguinte conseguiu ter em armas um exercito de oito mil infantes, de que apenas dois mil e quinhentos eram soldados pagos, ou, como hoje dizemos, de primeira linha, sendo o resto milicias e ordenanças, a que chamavam então auxiliares; mas que apesar de bisonhos e pouco disciplinados, sobreexcederem depois em valor e bizarria ao que d'elles podéra esperar-se por numero e qualidade. Havia tambem dois mil e quinhentos cavallos, e quatrocentas eguas. E foram estes os ultimos esforços que deu de si o reino, muito inferiores, sem duvida, para competir com os castelhanos, que se consideravam invulneraveis a coberto de suas linhas, dispostas pelo duque de S. German, seu mestre de campo, com muito vagar e calculada regularidade.

Do nosso pequeno exercito era, como se tem dito, capitão general o conde de Cantanhede, e havia por mestre de campo general com o titulo de primeiro, e com o exercicio de general da cavallaria, André de Albuquerque Ribafria, alcaide-mór de Cintra. Outro mestre de campo general era D. Rodrigo de Castro, conde de Mesquitella, ainda mal convalescido dos effeitos do contagio. Commandava a artilheria Affonso Furtado de Mendonça, consistindo o trem em sete peças de campanha, convenientemente servidas e municiadas.

Lograva de justiça André de Albuquerque a fama de primeiro entre os cabos portuguezes do seu tempo, distincto em valor e exacto na disciplina; porém de condição altivo, e desconfiado em tanto excesso, que se murmurava d'elle, que por despeitos e caprichos particulares tinha por mais de uma vez procedido com affectada remissão. Sabia-o o conde de Cantanhede, e para prevenir e emendar este damno, ao chegar a Estremoz, onde elle já se achava occupado em reunir os poucos soldados dispersos pela provincia, fallou-lhe com a maior cortezania apenas se avistaram, dizendo-lhe: «Que vinha a ser seu soldado, e a obedecer-lhe como a director principal d'aquella empreza.» Pagou-se tanto o Albuquerque d'esta generosa galanteria, que, deposta toda a emulação, deu obra a coadjuval-o com extraordinario empenho, concorrendo poderosamente para a victoria, que veiu a custar-lhe nada menos que a vida!

Dispostas as coisas na melhor ordem que a urgencia o consentia, e resolvido em conselho que não devia preterir-se por um momento o soccorro da praça, a qual por avisos incessantes constava achar-se reduzida á ultima extremidade, marchou o conde a 11 de janeiro de Estremoz com todas as suas forças. Alegres e promptos se mostravam todos, confiados na justiça da causa, e esperando da protecção divina o vencimento d'ella.

Já divisavam de longe as muralhas da praça, quando ao conde foi entregue uma carta de Francisco de Brito Freire, governador de Juromenha, em que o avisava de que no proprio dia acabára de chegar ao campo dos inimigos um reforço de tres mil infantes e quinhentos cavallos. Recebeu o conde esta nova com alvoroço: e, guardando para si a carta, mostrou-se tão contente e festivo, que todas os presentes se persuadiram a que ella encerrava noticias de maior satisfação do que em verdade eram.

Tendo o nosso exercito feito alto na serra do Bispo, na distancia de meia legoa da cidade, e a menos de um quarto das fortificações dos inimigos, foram estas reconhecidas pelo mestre de campo André de Albuquerque, e achadas em tal estado de segurança e defesa, que tiraria de certo o animo de accommettel-as a outros menos arrojados. Porém nada foi capaz de intimidar o valor portuguez; e, convocado novo conselho, por votação unanime ficou decidido o ataque para a manhã seguinte, conservando-se por toda a noite as tropas no campo, e sobre as armas, apesar do rigor da estação. Nem obstou ao proposito ser o dia *terça-feira*, tido por infausto na opinião vulgar d'aquelles tempos, e muito mais para os do appellido de Menezes, de que o conde era cabeça em Portugal. Elle, porém, mostrando-se superior a taes preconceitos, soube com desprezal-os dar principio á victoria.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] D. Antonio Luiz de Menezes, terceiro conde de Cantanhede, e agraciado depois com o titulo de marquez de Marialva, por carta régia de 11 de junho de 1661, senhor de diversas villas e logares, foi commendador da ordem de Christo, conselheiro de estado e da guerra, vedor da fazenda real, ministro do despacho, governador das armas de Setubal, Cascaes e Estremadura, capitão general do Alemtejo, etc., etc. D'elle se disse: «Que nunca desembainhára a espada que não vencesse.» Depois de ganhar a memoravel victoria das linhas de Elvas, e continuando no governo da provincia, tomou em 1664 aos hespanhoes a praça de Valença de Alcantara e outros logares de importancia. No anno de 1665 venceu novamente o exercito de Castella commandado pelo marquez de Carracena, derrotando-o de todo na outra memoravel batalha de Montes-Claros, ultima das seis que os portuguezes ganharam aos castelhanos durante os vinte e oito annos da lucta da independencia. O marquez foi tambem um dos plenipotenciarios que assignaram o tratado definitivo de paz celebrado em 1668, e deixando de si gloriosa memoria em nossos fastos militares, morreu a 16 de agosto de 1675.

BREVE NOTICIA SOBRE A ORIGEM E PROGRESSOS DA MARINHA PORTUGUEZA

(Conclusão. Vid. pag. 375)

IV

A noticia das riquezas que o nosso commercio tirava da India, excitando por toda a Europa invejas e cubiças, levou alguns aventureiros a pretenderem participar das vantagens que os descobrimentos de Vasco da Gama trouxeram a Portugal. Foram os inglezes e os hollandezes os primeiros que appareceram nos mares da India a disputarem-n'os o monopolio do commercio asiatico. E ousaram aquelles fazel-o no tempo del-rei D. Manuel, quando ainda estava recente a descoberta, e em progressivo augmento as conquistas e poderio dos portuguezes. Portanto, facil empreza foi para as nossas armadas afugentar d'aquelles mares taes aventureiros.

Porém, logo que a fortuna começou a abandonar-nos, e o nosso poder e influencia a vacillarem, e depois a penderem rapidamente para a decadencia, os inglezes e os francezes infestaram de novo o Oceano Indico e as costas da Africa occidental, mas d'esta vez em maior numero, e com mais pertinacia e atrevimento. Não se limitavam, pois, a procurarem mercadejar furtivamente, ousavam atacar e roubar os nossos navios em alto mar, e até se arrojavam a ameaçar as povoações sujeitas ao nosso dominio, ou abrigadas sob a protecção da bandeira portugueza.

Estes factos, que anuviaram o horisonte politico d'este reino nos fins do reinado de D. João III, continuaram, aggravando-se cada vez mais, durante a menoridade e sob o governo del-rei D. Sebastião.

Tomaram-se varias providencias no tempo d'estes dois monarchas para remediar tão grande mal, porém essas medidas não foram nem podiam ser efficazes para conjurar a tempestade que se condensava gradualmente sobre o imperio de D. Manuel, o afortunado, á maneira que este se ia enfraquecendo moral e physicamente.

As aggressões, que ao principio não eram mais que o resultado da ambição de aventureiros, confiados apenas na ousadia do seu animo e no valor do seu braço, assumiam agora um caracter de maior gravidade, porque n'ellas se revelavam, mais ou menos manifestamente, o auxilio e estimulo de varios governos estrangeiros.

Sendo regente do reino a rainha D. Catharina, na menoridade de seu neto, el-rei D. Sebastião, taes foram os procedimentos dos inglezes a respeito do commercio das nossas possessões ultramarinas, e tão infructuosas as queixas do nosso governo, que chegaram as coisas ao ponto de um rompimento entre as duas coroas.

A regente mandou uma esquadra á costa da Mina e de Guiné para proteger o nosso commercio, e castigar os corsarios inglezes, que tinham tomado e roubado varios navios da praça de Lisboa. A esquadra aprisionou, com effeito, alguns navios britannicos, e, como se reconhecesse que n'esses actos de pirataria havia complicidade em os inglezes residentes na Mina e em Lisboa, foram presos uns e outros. Em seguida, a rainha Isabel de Inglaterra deu cartas de marca ou corso aos seus subditos contra os portuguezes; e a rainha regente de Portugal, em justa represalia, embargou e sequestrou todos os navios inglezes que então se achavam nos differentes portos do reino (1567).

Depois de muitos e reciprocos damnos, ajustou-se a paz, mas não acabaram as queixas dos portuguezes contra a marinha ingleza.

Não nos tratavam melhor os francezes. A esse tempo uma expedição, composta de tres navios, levando a seu bordo grande numero de aventureiros sob o commando do celebre Villegagnon, organisada com o consentimento e auxilio de Henrique II, rei de França, tinha saído do Havre com destino de ir fundar uma colonia na bahia do Rio de Janeiro. Esta empreza foi a cabo, estabelecendo-se a colonia e construindo uma fortaleza em uma ilha d'aquella bahia, que ficou conservando o nome de Villegagnon. Esperavam immensas vantagens os francezes d'esta tentativa, reputando-a como o primeiro passo para maiores commettimentos. Por esta razão empregaram as mais activas diligencias para a consolidação da colonia o commandante Villegagnon, fortificando e abastecendo muito bem a ilha, e attrahindo á sua alliança os gentios tamoyos; e el-rei Henrique II enviando-lhe nova expedição com soccorros de gente, armas e munições.

Todavia, apesar de todas essas diligencias, feitas no espaço de quatro annos, que tanto durou este dominio, foi accommettida e tomada a ilha de Villegagnon, e os francezes foram expulsos do Brasil por Mendo de Sá, governador geral d'essa vasta possessão da coroa portugueza, o qual saíra da bahia de Todos os Santos capitaneando uma esquadra composta de tres galeões, oito navios e algumas caravelas, com dois mil homens de tropas. Alguns d'estes navios foram armados e esquipados pelo proprio governador, e os outros foram enviados pela rainha regente, D. Catharina, como soccorro para se levar a effeito aquella expulsão.

Para acudir aos perigos que ameaçavam as colonias de Portugal e o seu poder maritimo, fez não poucos sacrificios o governo da regente, procedendo a novos armamentos navaes, e reforçando as esquadras que defendiam as nossas possessões e commercio na Asia, na Africa e na America.

Quem attender unicamente ao movimento que apresentou a nossa marinha de guerra n'essa epocha, poderá concluir que a sua prosperidade e a do paiz iam ainda em progresso. Mas se se considerar nas causas que motivaram esse accrescimo de movimento, observando-se ao mesmo tempo como o mal, a que se pretendia acudir, zombava dos remedios que lhe applicavam, dilatando-se e aggravando-se, verá, através do prisma d'esse falso esplendor, abrilhantado com alguns triumphos navaes, poderosos e crescentes elementos de ruina conspirados contra Portugal, contra as suas colonias e marinha.

Entre as providencias que se tomaram no reinado del-rei D. Sebastião para obviar aos prejuizos causados pelos piratas das potencias barbarescas, e mais particularmente pelos francezes e inglezes, que appareciam em todos os mares cada vez em maior numero, figura uma provisão real ordenando que os navios mercantes de 200 toneladas para cima fossem armados com quatorze peças, e com onze os de 150 até 200 toneladas, compondo-se as suas equipagens na razão de um homem por cada duas toneladas. E, além d'isso, mandava el-rei que não saissem dos portos em numero menor de quatro navios, devendo os capitães eleger um que os governasse, ao qual os outros seriam obrigados a obedecer, sob certas penas.

Com o fim de promover o desenvolvimento da marinha mercante, determinou o mesmo soberano que houvesse na casa da India um livro em que se registassem todos os navios do estado e dos particulares que existissem nos diversos portos do reino, prohibindo a venda d'estes a estrangeiros, e concedendo premios a quem os mandasse construir em Portugal e seus dominios de 130 toneladas para cima.

Desgraçadamente, as temerarias emprezas do moço rei inutilisaram todas aquellas providencias, e, precipitando os acontecimentos, apressaram a ruina da monarchia.

Como a luz que ao extinguir-se lança maior e mais brilhante clarão, assim a marinha portugueza se ostenta potente e gloriosa no momento em que ia receber o golpe fatal que havia de prostral-a. Gloriosa na India, onde os governadores Francisco Barreto e D. Constantino de Bragança, tendo percorrido aquelles mares, surgido em diversos portos com poderosas armadas e tomado importantes fortalezas, fizeram ainda respeitado o pavilhão das quinas em toda a Asia, conservando-lhe o tridente do oceano Indico, mau grado dos inimigos que lh'o disputavam. Potente na Europa, onde el-rei D. Sebastião assoberbou o Atlantico, ameaçando a Africa, com a maior armada que até hoje tem saído dos portos de Portugal.

Resolvida essa fatal jornada de Africa, apesar do voto contrario de todos os homens illustrados e amantes da patria, embarcou-se el-rei com os mais distinctos fidalgos da sua corte em circunstancias de manejarem a espada. Constava a armada de 800 velas, entre navios de guerra e embarcações de transporte de todas as dimensões. O exercito que conduzia compunha-se de pouco mais de vinte mil homens de infanteria e de mil e quinhentos de cavallaria.

Saíu do Tejo esta armada no dia 25 de junho de 1578.

Não entra no plano d'este nosso trabalho a historia d'aquella expedição. Ao nosso proposito apenas basta mencionar o infausto exito d'essa empreza, suggerida e alimentada por traiçoeiras maquinações, dirigida pela mais imprudente temeridade, e sempre acompanhada por uma estrella malefica.

No dia 4 de agosto travou-se a batalha nos plainos arenosos de Alcacer-Quivir entre os exercitos dos reis de Portugal e de Fez. Quando D. João de Sousa, que commandava a esquadra, soube a tristissima nova da perda del-rei D. Sebastião e da completa derrota do seu exercito, voltou com a armada para Lisboa. Os navios do estado chegaram ao Tejo sem avaria, sendo a unica parte d'aquella malfadada expedição que escapou incolume. Mas que importa que assim ficasse preservada a esquadra, se o golpe descarregado no coração da monarchia e da independencia nacional havia de ferir em breve, e com profundeza quasi egual, a nossa marinha?

O ephemero reinado do cardeal-rei D. Henrique, em que a grave questão da successão da coroa absorvia todas as attenções do paiz, e preoccupava todos os animos, quer do povo, quer do governo, esse reinado, dizemos, passou inteiramente nas intrigas e tramas politicos que prepararam a usurpação de Filippe II de Castella.

Sob o governo intruso e oppressor dos tres Filippes de Castella extinguiu-se quasi totalmente a marinha nacional.

Inaugurada pela corte de Madrid, como systema governativo, a politica de procurar abater a nação portugueza, moral e physicamente, de todos os modos e por todos os meios, aquelles soberanos executaram á risca esse infernal plano, não desprezando circunstancia alguma que podesse concorrer para o seu triumpho. Sendo accordes todos tres no ponto a que miravam, apenas divergiam na maneira de caminhar. Filippe II, affectando intenções benevolas, tratou de chegar aos seus fins por meios indirectos, fazendo com que parecesse incuria e desleixo o que era verdadeiro proposito. Filippe III e Filippe IV, menos hypocritas, porém mais systematicamente oppressores, affrontando a animadversão dos portuguezes, caminharam direitos ao seu alvo sem fingimento, antes com desassombro.

Parando-se com as construcções navaes, e continuando a perderem-se annualmente muitos navios do estado, victimas de naufragios, sobre tudo nas viagens da India, gradualmente se foi reduzindo a marinha de guerra. Como justa consequencia d'este facto, tambem foi diminuindo pouco a pouco a marinha mercante; pois que, abandonadas quasi completamente aos seus recursos as nossas possessões ultramarinas, ao mesmo tempo que eram affrontadas cada vez mais pelos inglezes e francezes, que ha muito as incommodavam, e agora tambem pelos hollandezes, que se apresentavam poderosos e conquistadores, o nosso commercio declinou e definhou-se rapidamente.

Estas causas de decadencia, embora os seus effeitos parecessem lentos, obravam com força e energia, por isso que a sua acção era continua, e sem que o governo cuidasse de obstar aos seus progressos, nem pelo menos de lh'os neutralisar. Mas como se estas causas ainda não fossem bastante poderosas para a extincção da marinha portugueza, sobrevieram-lhe dois lamentaveis desastres que apressaram a sua ruina.

Achando-se Filippe II de Castella em hostilidade com a rainha Isabel de Inglaterra, premeditou a invasão d'este paiz por um exercito castelhano. Mandou promptar para esse fim uma numerosa armada, que se reuniu no porto de Lisboa, e constava de 146 navios, com 2:400 peças de artilheria, divididos em dez esquadras, sob o commando geral do duque de Medina-Sidonia. Uma d'essas dez esquadras era a portugueza. Compunha-se de dez galeões e duas zabras, do porte de 7:059 toneladas, sendo guarnecidos com 384 peças de artilheria, 1:172 marinheiros, e 3:286 saldados. Entre aquelles dez galeões contava-se o *S. Martinho*, do lote de 1:000 toneladas, que ia por almirante de toda a armada, levando a seu bordo o duque de Medina-Sidonia.

Esta armada, á qual por seu grande poder se deu o nome de *armada invencivel*, saíu do Tejo a 27 de maio de 1588. Ao cabo de dois mezes de lucta com violentas tempestades e com a esquadra ingleza, apenas voltaram ao Tejo e aos portos de Hespanha as reliquias destroçadas d'essa formidavel armada.

Tendo largado do porto de Lisboa, em setembro de 1636, uma esquadra composta de cinco soberbos galeões e uma urca, commandada por D. Manuel de Menezes, para ir esperar e comboyar a frota do Brasil, foi accommettida de tão rijo temporal, que, á excepção de um galeão, todos os mais naufragaram.

Com este ultimo desastre ficou a marinha portugueza, póde dizer-se, de todo anniquilada. Em outra occasião, no seguinte volume do *Archivo*, diremos como ella resurgiu e quaes as vicissitudes por que tem passado. I. DE VILHENA BARBOSA.

ILHA DE COS

Esta ilha, uma das melhores do archipelago grego, está situada perto da costa da Anatolia, a 80 kilometros ao N O. da ilha de Rhodes. Tem 50 kilometros de comprimento e 20 na sua maior largura.

Os antigos gregos davam a esta ilha o nome de *Cos*, e os turcos, apossando-se d'ella no seculo XVI, denominaram-n'a *Istankioi*. Presentemente é mais conhecida pelo nome de *Stancho*.

Gozou esta ilha nos tempos heroicos da Grecia de uma grande celebridade, que ainda hoje a faz memoravel não só nos fastos d'aquelle paiz, mas tambem na historia geral da civilisação. Alli tiveram o berço Hippocrates e Apelles, duas das maiores illustrações da antiguidade, o primeiro exercendo a medicina e o segundo manejando o pincel. Tambem outr'ora foi afamada pelo magnifico templo, que possuia, dedicado a Esculapio.

A parte do sul da ilha é montanhosa, e o restante d'ella são terras baixas e planas. Pelas numerosas ribeiras que a cortam e regam, é muito fertil; mas, pela mesma razão, é pouco sadia. A brandura do cli-

ma, auxiliando-lhe a feracidade do solo, torna-a propria para todo o genero de cultura, pois que n'ella se dão perfeitamente bem todos os fructos das regiões temperadas e muitos dos oriundos dos tropicos. Consiste a sua principal producção em cereaes, excellentes vinhos e diversidade de frutas, sobre tudo de laranjas. Os copados pomares, que por toda a parte verdejam, constituem uma das maiores bellezas d'esta ilha. Porém o ramo, talvez, mais importante da sua industria agricola consiste na criação de gados de variadas especies, que pastam nos seus prados sempre viçosos pela frescura da terra.

É capital da ilha uma cidade do mesmo nome, edificada em uma situação agradavel á beira-mar, no proprio logar onde antigamente se erguia a primitiva cidade de Cos. D'esta apenas restam reliquias dos seus monumentos, que hoje se vêem aproveitados nas construcções da cidade nova. Esta é povoação pequena, habitada por turcos e gregos, e por conseguinte mal construida, pois que estes povos, por defeito dos seus costumes pouco civilisados, e em razão do grande atrazo em que ainda vivem, não guardam ordem nem regularidade na edificação das suas casas, nem attendem a condições de belleza e de salubridade. D'isto



Platano colossal, na ilha de Cos

resulta serem tortuosas, estreitas, sombrias e immundas todas as ruas das suas povoações, quer sejam grandes cidades, quer sejam aldeias. Em compensação, quasi sempre possuem alguma praça espaçosa, desafogada, com sua fonte e arvoredo, onde os moradores se vão recreiar e espairecer. A praça publica da cidade de Cos reune a estas circunstancias a de ser adornada com um venerando monumento do reino vegetal. Levanta-se, pois, no meio d'ella um platano gigantesco e frondoso, que, estendendo em torno de si, e a grande distancia, os seus troncos, grossos como arvores annosas, assombra uma grande parte da praça, com a sua formosa folhagem graciosamente recortada, e de um verde claro e luzente.

Esta soberba arvore, que conta seculos de existencia, é objecto de tanta veneração para os habitantes, que se póde dizer que lhe consagram quasi um culto. Velando por ella com o maior cuidado, ampararam-lhe com columnas de marmore os corpulentos troncos, que, estendidos em direcção horisontal, vergavam sob o seu proprio peso, ameaçando quebrarem-se ao impulso da tempestade. Quando, apesar da solidez dos esteios, o tufão, sacudindo-a violentamente, lhe faz estalar algum tronco, acode logo o povo a reparar o damno, cicatrizando-lhe a ferida, obstando a que o ar e a chuva exerçam sobre ella a sua malefica influencia. D'est'arte tem conservado todo o seu vigor esse colosso vegetal, denominado na linguagem scientifica *platanus orientalis*.

Alguns archeologos que tem visitado a ilha preten-

dem que as columnas que servem de esteios áquella arvore sejam reliquias do celebrado templo de Esculapio.

Dá frescura á praça uma fonte, cujas aguas tem concorrido não pouco para conservar o viço da mocidade ao velho platano.

A cidade de Cos foi muito industriosa. Deram-lhe grande nomeada as suas fabricas de pannos de lã, tão estimados pela finura do tecido como pelo brilho e viveza das côres. Em seculos que já vão distantes de nós, foi muito commercial e prospera, graças ao seu porto, então excellente, e com capacidade para receber navios de alto bordo. Ao presente é uma terra pobre, pelo definhamento de todos os ramos da industria. Além das causas geraes de decadencia que estão actuando em todo o imperio turco, contribuiu bastante para o empobrecimento da ilha e da cidade de Cos a obstrucção do seu porto pelas areias da costa, de modo que actualmente só o podem demandar embarcações pequenas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

PROPHECIA [1]

A PROPOSITO DO POETA BRASILEIRO GONÇALVES DIAS

Bardo, foste propheta. Nos teus versos
Com a penna cruel e inevitavel
Do proprio fado, esclarecido o animo,
Teu destino fatal assignalaste.
Quando, feliz ainda, abandonando
A patria cara, aos teus fieis amigos
Na flor da primavera adeus disseste,
Estas, em mal, fatidicas palavras
Te saíram dos labios, segredadas
Talvez por Deus, reconditos mysterios!
«Porém quando algum dia o colorido
Das vivas illusões, que inda conservo,
Sem força esmorecer, e as tão viçosas
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem
Em mar de desenganos, a desgraça
Do naufragio da vida ha de arrojar-me
Á praia tão querida que ora deixo.
Tal parte o desterrado. Um dia as vagas
Hão de os seus restos rejeitar na praia,
D'onde tão cedo se partíra e onde
Procura a cinza fria achar abrigo [2].»

Cumpriu-se a predicção. Uma por uma,
As tuas expressões saíram certas.
Cumpriu-se a predicção. Quem o podéra
N'esse tempo antever? Só Deus, sómente
Quem, por Deus inspirado, ao longe alcança
N'um relance as reconditas entranhas
Do longinquo porvir.

E quão ditoso
Eras então, embora no alaúde,
Alma que á terra presa ao ceo subia,
Te queixasses da vida! De esperanças
Risonho o teu futuro se enramava.
Sciencia, amor, felicidade, gloria,
Eram os sonhos teus. Sob os teus passos
Da juventude as illusões surgiam,
Como surgem as rosas sob os passos
Da primavera quando, após o inverno,
Vem a terra animar. Com tão esplendido,
Tão extenso horisonte que aos teus olhos
Das mais formosas côres se adornava
Da nascente manhã, dos patrios lares
Te despediste, e, atravessando o oceano,
Nas margens do poetico Mondego
Colher vieste do saber a palma.
Ahi, sob a ramagem dos salgueiros,
Do rio ao murmurar tu'alma joven
A harmonia aprendeu; ahi ao brilho
Da nossa lua e scintillantes astros;
Ahi do nosso puro firmamento
Ao fogo creador soltaste o vôo
Pela primeira vez, e, com saudades
Do longe berço, de sentido pranto
As meigas cordas orvalhaste á lyra.

Volveste em fim de Santa Cruz ás praias;
Volveste; mas feliz; mas coroado
Dos louros da victoria. A honra, o applauso,
Te foram receber, e por ditosa
Se teve a patria de gerar tal filho.

Só te faltava um ente idolatrado,
A que podesses dedicar a vida.
Achaste-o, e, louco, lhe offertaste incensos
De estreme devoção. Eram completos
Todos os sonhos teus: sorrindo o mundo,
Dava-te amor, felicidade, gloria.

Quantos falsas então não supporiam
As tuas previsões! Talvez tu mesmo,
Talvez tu mesmo duvidasses d'ellas.

Ai, misero de ti! Bateu a hora
Escripta pelo fado. O que julgaste
Do soberbo edificio que fundáras
Como o remate ser foi o começo
Da tua perdição, lançou-o em terra.
Desceste breve do zenith brilhante
Á pavorosa noite! Dos teus dias
O sol ardente se cobriu de nuvens,
Nuncias da tempestade, e o igneo raio,
Do ceo baixando, te lançou no tumulo.

Desde então a tua alma lacerada
Silenciosa gemeu, em si guardando,
Para mais o roer, o interno abutre.
Só desejavas o descanço, a morte.

Desde então os propheticos agoiros
Se começaram de cumprir, ó bardo.
Tu bem o conheceste, e do teu curso
Viste perto fechar a breve estrada
A lapida funerea!

Em vão das letras
Na diurna fadiga, sem descanço,
Procuraste esquecer do mal a idéa,
Se é que, antes, não buscaste no trabalho
Abbreviar a desditosa sorte.
Em vão a lyra resoar fizeste;
Em vão; as tuas notas de outro tempo
Se tornaram gemidos. Pela America,
Pelos paizes da illustrada Europa
Vagabundo correste; mas comtigo,
Mas diante de ti, a toda a parte
Ia, sem te largar, tua amargura.
Breve principiou tambem o corpo
A definhar, a padecer. Sentindo
Já perto a morte, pela vez extrema
Voltar quizeste á patria, porque inteiras
As palavras fataes realisasses.
As tuas illusões tinham passado;
No mar do desengano as esperanças

1 Esta poesia foi-nos offerecida pelo sr. Ramos Coelho, estimado traductor da *Jerusalem* de Tasso. Vendo o auctor que haviamos publicado algumas interessantes paginas do nosso illustrado collaborador, o sr. Innocencio Francisco da Silva, ácerca de Gonçalves Dias, quiz tambem prestar aqui sincera e justa homenagem ao mallogrado poeta brasileiro, dando-nos a mimosa poesia que inserimos n'este numero.

N. da R.

2 São os proprios versos do poeta. Vid. os seus *Cantos*, edição de Leipzig, de 1860, pag. 110.

Afundado se haviam; a desgraça
Do naufragio da vida te arrojava
Á patria amiga que feliz deixáras.

Partiste. Da existencia esperançosa
Que á luz do ceo natal desabrochára
Ao terreno natal o que conduzes?
Quasi um cadaver só. Já longe fica
A Europa; já o espaço que a divide
Do novo mundo diminue; com elle
Tambem já diminue teu fraco alento.
Proximo estás do solo do teu berço;
Proximo estás do tumulo! Não ouves
Terra em festivo som gritar da gavea
O gageiro? Não vês ao longe, ao longe,
Como nuvem surgir do azul dos mares
A desejada costa? Ai! o teu corpo
Mal se póde mover! Ai! os teus olhos
Quasi que os fecha o sempiterno somno!
Queres-te levantar para avistal-a
Ao menos uma vez. Esforço inutil.
Nunca mais a verás. Mas n'este ponto
O vento cresce e pelas ondas salta,
Presa dos mares, o alagado lenho.
Ficam-lhe á proa perigosos baixos,
Que é impossivel evitar. O gelo
Do medo, do pavor, invade os membros
Aos navegantes. Elle só não treme.
Alma para tremer já não tem quasi.
Jaz insensivel d'este mundo aos males
Sobre o leito da dor, despojo inerte!
Que choque horrendo, que terrivel brado
O espaço atrôa! N'um cachopo occulto
O alteroso baixel se parte e esmaga.
De machina tamanha apenas restam
Algumas taboas a boiar nas aguas!
De tantos homens, que lhe davam alma,
Alguns corpos, á tôa fluctuantes,
Triste scena de horror! bebendo a morte!
E o d'elle, o do infeliz? N'alguma praia
Da patria amada as despiedosas vagas
O arrojaram de certo, por que fossem
(Complemento do oraculo funesto)
N'ella os seus restos procurar abrigo.

Assim uma após outra se cumpriram
As tuas predicções, pobre poeta!
Foi vontade de Deus! Que desenganos!
Que altos mysterios este mundo encerra!

Torres Vedras, 13 de julho de 1867.

J. Ramos Coelho.

ILHA DO PRINCIPE

(Conclusão. Vid. pag. 383)

Possue a ilha do Principe cinco egrejas dentro da povoação (cidade), todas arruinadas e pouco decentes: são a de Nossa Senhora da Conceição (egreja matriz e séde da unica freguezia da ilha), reparada em 1865; a do real hospicio de Santo Antonio; a da misericordia; a de Nossa Senhora do Rosario; e a de S. Gregorio. Havia outra, de que só existem hoje as paredes: era a de Nossa Senhora dos Prazeres.

No interior ha ainda sete ermidas, em completa ruina, as quaes pertencem a roças que tambem estão quasi abandonadas. Algumas d'essas ermidas eram ricas em joias e alfaias, e n'ellas se dizia missa.

Havendo na ilha do Principe sete ecclesiasticos, parece que a instrucção religiosa devêra ser alli regular, e que as festividades da egreja se deveram celebrar ao menos com certa decencia. Mas, ainda mal, que acontece o contrario, é doloroso, mas é preciso dizel-o. Por certo, é conhecido do governo de sua magestade qual foi o vergonhoso procedimento de dois padres que d'aquella ilha foram a Ajudá; sabem todos que viram a ilha do Principe como alli a plebe é fanatica e ignorante, e se entrega á mais licenciosa crápula, movida pelo exemplo do clero. As ceremonias religiosas quasi se assimilham ás praticas gentilicas, taes são as irregularidades do serviço ecclesiastico, a falta de decencia no culto, a ignorancia do rito, as momices extravagantes e os desentoados gritos que se ouvem nas egrejas por occasião das festas mais solemnes. Fallo em geral, e fallo não só de hoje, mas dos tempos anteriores. Ha excepções, e eu mesmo me prezo de ter cultivado relações com algum d'esses ecclesiasticos, notavel por seus bons costumes e procedimento exemplar, mas a influencia de um ou de poucos não póde destruir o mal espalhado por muitos e por annos consecutivos.

As casas da ilha, de que se deu uma gravura a pag. 277 d'este volume, são construidas de madeira e sobre estacas, porque o terreno é muito alagadiço. As casas ao rez do chão são poucas e mais insalubres, porque absorvem mais humidade. A madeira alli é barata, porque ha muita e boa na propria ilha; a cal é carissima, e a pedra não abunda na localidade, e essa é a principal razão por que a maior parte das casas se constroem de madeira, como ficou representado na gravura citada.

A ilha do Principe póde-se dizer saudavel relativamente á maior parte dos climas de Africa, exceptuando a cidade e mais alguns pontos onde as ribeiras, espraiando-se muito, deixam aguas estagnadas, como acontece em Praia Salgada.

A temperatura média na estação das aguas, de setembro a março, é de 50 graus centigrados. Geralmente, os dias são nebulosos n'esta estação, e não ha brisa de especie alguma; chove durante dias consecutivos, e copiosamente. As trovoadas são amiudadas, e por vezes medonhas, quando precedidas de grandes exhalações terrestres, que apresentam um aspecto grandioso.

Na estação chamada *das ventanias*, de abril a setembro, ha mais ou menos brisa. Ainda mesmo então ha muita chuva, porém menos copiosa e com maiores intervallos; acaba de chover e apresenta-se um dia esplendido.

Nos mezes de junho e julho é que menos chove, sendo raro, comtudo, que passem vinte dias seguidos sem chuva. N'esta estação a temperatura média é de 40 graus centigrados.

O dr. Bryson, que escreveu as instrucções sanitarias para a expedição do navio *Pleyadas* ao Niger, diz que são duas as causas das doenças da Africa: uma *excitante*, que é a *mala aria;* e as outras *predisponentes*, que são a constante exposição á causa excitante, isto é, ao ardor do sol e exhalação de miasmas; a intemperança; as affecções moraes, temor, anciedade, etc.; falta de aceio no corpo; mudança repentina de temperatura; fadiga excessiva; e constipação.

As febres endemicas começam geralmente por uma certa sensação de frio, dores de cabeça e nas costas, fraqueza nas pernas, perda de appetite e cançaço. Se a pessoa é dada a intemperança, ou tem um temperamento muito bilioso e estomago fraco, apparecem-lhe ao mesmo tempo os vomitos. Nos temperamentos sanguineos, as dores de cabeça, quando ha febre, são atrozes.

Logo que se apresentem estes symptomas, se o pulso não accusa ainda febre, deve-se tomar de 4 a 6 grãos de sulphato de quinino em pilulas, ou dissolvido em acido citrico, ou em algumas gotas de acido sulphurico, e continuar a tomar eguaes dóses com intervallo de meia hora até que appareça o chinchonis-

mo, que é um certo zunido nos ouvidos. Ordinariamente, quando se chega a 20 ou 30 grãos, apparece este effeito; mas se o pulso já accusa febre e se não tem ainda tomado quinino, só deve ser administrado quando apparecer a reacção e quando o doente transpirar, o que se consegue por meio de uma forte fricção, na espinha dorsal, de alcool camphorado com larga dóse de quinino.

Não sirva de reparo que eu, profano no assumpto, falle sobre o tratamento therapeutico das febres do paiz; é que vivi quasi dois annos n'aquella ilha sem facultativo, e fui obrigado a ser o medico de mim proprio, valendo-me de muito a leitura de alguns livros de viagens de exploração na costa de Africa, e sendo tambem auxiliado pela experiencia.

Vi pela pratica serem inconvenientissimas as sangrias e o uso de emeticos. Como hygiene preventiva, usava muito de banhos tepidos, e tomava quinino apenas sentia a menor dor de cabeça ou a menor indisposição. De mez em mez tomava 5 grãos de aloes com egual dóse de calomelanos, tomando a devida cautela com a abstenção de acidos n'essa occasião, e assim me conservei por muitos mezes consecutivos sem ir á cama como doente.

É para mim certo que os meios hygienicos a observar n'aquelle clima, como em qualquer outro da Africa, são, no vestuario, o uso da flanella sobre a pelle, pelo menos as camisolas; nunca vestir fato demasiadamente leve; usar de calçado grosso, que ao mesmo tempo preserve da humidade e do calor; não dormir nem descoberto, nem com janellas abertas, exposto ás exhalações atmosphericas da noite; abstenção completa de roupa de linho; aceio no corpo.

Em quanto á dieta, julgo eu que devêra regular-se por comidas solidas e substanciaes com longos intervallos, por ser muito demorada a digestão; beber vinho bom muito moderadamente a cada refeição, e abster-se completamente de bebidas espirituosas, como genebra, cognac, etc. Depois de um grande trabalho que promova transpiração abundante, aconselharei que se deite uma porção de aguardente bem forte pelas costas, e será isto mais util do que beber agua e aguardente ou cognac, como usa muita gente. Aconselharei a temperança na comida, mas especialmente na bebida.

O exercicio é utilissimo; os passeios até ás sete horas da manhã e quasi ao pôr do sol são saudaveis.

As affecções moraes são uma das causas principaes das nossas doenças na Africa. Em toda a parte o viver satisfeito e alegre dá saude ao corpo e ao espirito, do mesmo modo que a tristeza e os pezares causam doença; mas em taes climas é preciso, mais do que em qualquer outro, evitar que o espirito cáia em marasmo e estupida resignação, ou que se sobreexcite a tal ponto que se perca o somno. Em qualquer dos casos sobrevem a febre com toda a sua intensidade e toda a sua força.

As doenças predominantes na ilha são as febres intermittentes, que degeneram facilmente em ataxicas e biliosas, que para os europeus chegados de novo são mui perigosas. As pulmonias são alli frequentes, e as affecções pulmonares, principalmente n'aquelles que se expõem muito á humidade do solo. Tambem apparecem algumas dysenterias, que depois das febres são quasi sempre fataes.

Ha na ilha do Principe uma botica mal provida, e que está por vezes sem pharmaceutico.

Uma denominada enfermaria militar é uma casa com pessimas condições, alugada, onde não ha roupas nem camas, e se recolhem os soldados doentes que absolutamente não tem onde se tratem. O serviço clinico da enfermaria militar incumbe ao pharmaceutico, por determinação de varios governadores da provincia!!!

É o bastante para se avaliar o desprezo que se tem votado por aquelle precioso torrão, tão rico, tão esplendido e tão abundante de recursos naturaes para os que saibam aproveital-os, e para a metropole, se olhasse para ella com amor de mãe.

Ilha do Principe, 1866. F. de Lencastre.

UBI NATUS EST?

Duas palavras só, e as ultimas pela nossa parte, ácerca da questão do logar onde nasceu Luiz de Camões.

A primeira não póde deixar de ser uma expressão de reconhecimento pela benevolencia com que o sr. E. Vidal acolheu as nossas reflexões, e pela urbanidade com que se dignou responder-nos.

A segunda, essa é um descargo da nossa consciencia, por isso que do nosso silencio poderia alguem inferir que nos satisfizera plenamente a interpretação dada pelo sr. Vidal ao soneto C de Camões.

Declarâmos ingenuamente, que essa interpretação nos parece demasiadamente arbitraria para que hajamos de conformar-nos com ella. Continuâmos, portanto, a ver n'aquelle soneto o epitaphio dorido e triste (como devia ser) escripto pela mão de uma amizade sincera sobre a campa immensa do amigo infeliz.

«Versos d'aquelles (diz o sr. Vidal) só os inspira uma dor profunda; queixas tão plangentes não as improvisa a imaginação.» Por certo; e é por isso que nós vemos no alludido soneto a «dor profunda» do poeta na perda de um amigo intimo, cujas desditas e prematura morte, longe de as suppormos um parto da imaginação, temos antes como factos muito reaes e positivos.

Demais, em uma alma tão poetica e sensivel, como era a do cantor de Sepulveda e de Ignez de Castro, o golpe da desgraça e da morte, cortando de repente os laços de uma verdadeira amizade, não seria assás para inspirar «as mais plangentes queixas?»

Eis aqui a razão por que nós dissentimos do sr. Vidal, entendendo o soneto um pouco mais ao pé da letra. São opiniões, entre as quaes, provavelmente, ninguem interporá um juizo definitivo.

Dizem que as contendas geram inimizades. Isto nem sempre é verdade. Nós, ha muito admiradores sinceros das excellentes producções do sr. Vidal, ficâmos hoje ambicionando o momento em que nos seja permittido significar pessoalmente ao homem a sympathia que já dedicavamos ao escriptor.

D. Miguel Sotto-Mayor.

O AMOR E O ODIO

Estes dois affectos cegos são os dois polos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são os que pesam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que repartem as fortunas. Elles são os que enfeitam ou descompõem, elles os que fazem ou anniquilam, elles os que pintam ou despintam os objectos, dando e tirando a seu arbitrio a côr e figura, a medida, e ainda o mesmo ser e substancia, sem outra distincção ou juizo que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco; se com odio, o cisne é negro; se com amor, o demonio é formoso; se com odio, o anjo é feio; se com amor, o pygmeo é gigante; se com odio, o gigante é pygmeo.

P. Antonio Vieira.